

A Prosódia do Advérbio na Frase interacção e convergência *

0. Introdução

Inseridos numa investigação mais vasta da prosódia da frase, teoricamente situada no quadro dos desenvolvimentos mais recentes da Gramática Generativa, os aspectos prosódicos aqui em foco mostram como a diferente distribuição do advérbio e as diferentes interpretações atribuídas a este constituinte se articulam com os seus diferentes comportamentos prosódicos. As frases (1) a (3) documentam casos ilustrativos desta relação, frequentemente referida na literatura, mas ainda não analisada de um modo sistemático e integrado.

- (1) a. Ele bateu-lhe violentamente.
(*Advérbio modificador de V, não-marcado*)
b. Ele bateu-lhe VIOLENTAMENTE.
(*Advérbio modificador de V, marcado*)

- (2) a. *Violentemente ele bateu-lhe.
(*Advérbio modificador de V, não-marcado*)
b. VIOLENTAMENTE ele bateu-lhe.
(*Advérbio modificador de V, marcado*)

- (3) a. *Ele bateu-lhe infelizmente.
(*Advérbio modificador do falante, não-marcado*)
b. Ele bateu-lhe INFELIZMENTE.
(*Advérbio modificador do falante, marcado*)

Seguimos, de um modo geral, a classificação dos advérbios de Jackendoff (1972) e considerámos a sua discussão, bem como as análises propostas em Bellert (1977), Ernest (1984), Sportiche (1988) e, especificamente sobre o Português, em Âmhar (1990). No que respeita à análise prosódica, face à diversidade de pontos de vista e à problematização que dela advém, salientamos Nespor e Vogel (1986), Viana (1987) e as contribuições reunidas em Cutler e Ladd (1983).

1. A Prosódia da Frase

Ao situarmo-nos no domínio da frase, tomamos como objecto de estudo o nível das categorias prosódicas hierarquicamente superiores, consideradas como universais e como um espaço em que surgem evidências da interacção entre componentes da gramática.¹

* Este artigo apresenta parte da investigação desenvolvida pela autora para a sua Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa (cf. Frota (1991)).

Uma análise da prosódia da frase declarativa simples, no Português, a partir de um *corpus* de leitura de 337 frases isoladas e em texto, produzidas por cinco informantes, permitiu-nos verificar a presença de uma configuração da frequência fundamental comum às produções dos vários informantes nas várias modalidades discursivas. Esta configuração é caracterizada por quatro momentos cruciais, ao longo de um traçado para o qual contribuem vogais acentuadas e não acentuadas:

- (2) a. A subida inicial do ataque até à primeira vogal acentuada ou até uma posição silábica sua adjacente;
- b. A localização do pico frásico de F_0 sobre a primeira acentuada ou uma das posições silábicas adjacentes;
- c. A descida subsequente e progressiva até à última vogal acentuada;
- d. A queda pronunciada de F_0 sobre a última vogal acentuada da frase.

Se, por um lado, esta configuração entoacional vem confirmar descrições anteriores da prosódia frásica para o Português (ver, entre outros, Delgado Martins e Lacerda (1977) e Viana (1987)) e para outras línguas (ver, entre outros, Ladd (1983) e Vaissière (1983)), por outro lado, ela permite-nos relacionar entoações não-marcadas e entoações marcadas de várias frases ou de uma mesma frase.

Consideremos os contornos entoacionais apresentados na fig. 1, representativos do observado no *corpus* estudado. Ao afirmarmos que a configuração acima descrita é comum às diversas produções analisadas, estamos não só a retratar o facto de ela caracterizar as frases de entoação neutra, como também a retratar a possibilidade forte de as entoações marcadas resultarem de alterações localizadas que transformam a referida configuração entoacional. Um confronto atento entre os contornos da fig. 1 mostra-nos que eles são qualitativamente semelhantes, excepto no que respeita aos padrões de variação da frequência fundamental que realizam as marcações prosódicas (opcionais) de determinados constituintes frásicos: a saber, o NP sujeito na fig. 1. (B) e o NP objecto directo na fig. 1. (C). Note-se ainda que a representação do contorno frásico através de uma linha de referência abstracta - por exemplo, uma linha de picos (ver Viana (1987) e Frota (1991)) - permite definir objectivamente a presença de uma variação significativa da frequência fundamental, isto é, de um padrão entoacional associado a uma marcação prosódica)².

Este conjunto de resultados é adequadamente tratado através de um quadro de derivação dos contornos frásicos, como o que se encontra esquematicamente representado na fig. 2, em que um dado contorno global X é derivável a partir de uma unidade prosódica subjacente - o **contorno de base** (definido em (2)) -, que pode ser transformada pela aplicação de processos de marcação prosódica. O nível de representação do contorno global (entendido como um

¹ Veja-se o componente frásico de Thorsen (1983) e a "intonational phrase" e a "intonational utterance" de Nespor e Vogel (1986). Em Viana (1987) são propostas categorias semelhantes.

² Para o cálculo da linha de referência recorreremos, experimentalmente, a vários modelos de regressão, que foram aplicados aos vários contornos frásicos. Não foi nosso objectivo, por ora, determinar qual o melhor modelo de predição (cf. Frota (1991: 92-95)).

traçado qualitativamente informativo do tipo de frase em causa e da presença/ausência de marcações prosódicas) constitui ainda um nível não-concreto a partir do qual são deriváveis contornos frásicos reais, ou seja, traçados de F_0 quantitativamente determinados.

Relacionadas configurações neutras e configurações marcadas, importa questionarmos de que depende a produção de um contorno neutro ou marcado. Segundo os resultados da análise efectuada, ela dependerá de dois factores: 1) da presença de informação gramatical desencadeadora da marcação prosódica; 2) da possibilidade de introdução de marcações opcionais.

2. A Marcação prosódica

Uma marcação prosódica de ocorrência não generalizada, porque dependente das características individuais do sujeito produtor, apresenta uma natureza opcional. Diferentemente, uma marcação prosódica de ocorrência generalizada, sempre associada a uma determinada estrutura ou constituinte e independente da variação individual (sujeito produtor) e da variação discursiva (modalidade discursiva), apresenta uma natureza gramatical.

Consideremos a marcação prosódica opcional. Se a sua motivação é extralinguística - o comportamento prosódico característico do indivíduo produtor -, as suas possibilidades de ocorrência na frase são, contudo, gramaticalmente reguladas. Os resultados obtidos revelam que a probabilidade de ocorrência dessa marcação não é indiferente à categoria gramatical dos constituintes, pois a marcação afecta preferencialmente os **nomes** (ver a distinção V/N em Nespor e Vogel (1986)). De entre os elementos nominais, aquele que se destaca é o NP sujeito, sendo esse destaque explicado por uma conjugação de factores: 1) a posição inicial de frase possui características prosódicas específicas que favorecem a realização da marcação prosódica (ver Wells (1986) e Frota (1991)), 2) o sujeito frásico é um constituinte nominal e 3) o Português é uma língua SV(O). Deste modo, a ocorrência, na frase, de uma marcação prosódica desta natureza será regulada pela seguinte instrução¹: se a marcação prosódica é uma possibilidade, opte-se pelos elementos nominais e, entre estes, prefira-se o sujeito.

Um outro factor condicionante da ocorrência de uma marcação opcional é a presença, na frase, de uma marcação de natureza gramatical, nomeadamente em situação de adjacência. Nestes casos, o segundo tipo de marcação prosódica prevalece e a ocorrência de uma marcação opcional deixa de ser uma possibilidade.

Consideremos, então, o segundo tipo de marcação prosódica.

O principal elemento definidor de uma marcação gramatical é a sua inter-relação com propriedades lexicais, e/ou sintácticas, e/ou semânticas dos constituintes ou estruturas afectados pela marcação. Por conseguinte, quando de natureza gramatical, a marcação

¹ A utilização do termo instrução deve-se à sua maior neutralidade, do ponto de vista das implicações teóricas, do que condição ou restrição. É bem possível que "instrução" não seja o termo mais adequado, uma vez alargado e aprofundado o estudo destes aspectos prosódicos, mas cremos tratar-se de uma escolha justificada no estágio presente da nossa investigação.

prosódica não é uma possibilidade, mas uma necessidade, pois a sua presença é - segundo propomos - desencadeada por factores internos à gramática. A prosódia do advérbio na frase constitui um caso exemplificativo da aplicação de um processo de marcação desencadeado por factores gramaticais (sintácticos e semânticos).

3. A Prosódia do Advérbio na Frase

A etimologia da palavra *advérbio*, como quem diz *adjunto ao verbo*, não se deve entender do *verbo* como uma das seis partes elementares da oração, mas de qualquer palavra capaz de modificação; que isto significa o nome latino *verbum* em toda sua extensão.

Jerónimo Soares Barbosa (1822/71: 235)

O advérbio, pela heterogeneidade das expressões reunidas sob esta designação, apresenta-se como um constituinte de difícil definição categorial. Vários autores, em estudos recentes, têm procurado alargar o conhecimento do comportamento linguístico dos advérbios. Esse conhecimento passa pela compreensão da sua distribuição variada na frase e da sua possível ambiguidade semântica, pelo estudo da sua prosódia e ainda, como é salientado em Ernest (1984), pela articulação de todos estes aspectos. Interessa-nos, pois, observar o comportamento prosódico do advérbio na frase e verificar a sua relação com outras características gramaticais deste constituinte. Para o efeito, escolhemos um conjunto de quatro advérbios, morfologicamente semelhantes, mas que possuem classificações diferentes, de acordo com a literatura conhecida:

(5) a. FREQUENTEMENTE

- i) advérbio modificador do verbo (gramáticas do Português)
- ii) advérbio de tempo (ou de frequência) incluído na classe maior dos advérbios frásicos (Bellert (1977) e Ernest (1984))
- iii) ocorre quer em posição pós-verbal, quer em posição pré-verbal.

b. GENTILMENTE

- i) advérbio modificador do verbo (gramáticas do Português)
- ii) advérbio orientado para o sujeito frásico (Bellert (1977) e Ernest (1984))
- iii) advérbio ambíguo entre a leitura de modificador do sujeito e a leitura de modificador do verbo (Ernest (1984) e Quirk e Greenbaum (1973))
- iv) uma posição pré-verbal favorece uma leitura frásica; uma posição pós-verbal favorece a interpretação de modo.

c. (IN)FELIZMENTE

- i) advérbios modificadores do verbo, ou modificadores da "oração" (gramáticas do Português)
- ii) advérbios avaliativos (ou factivos) incluídos na classe maior dos advérbios frásicos orientados para o falante (Bellert (1977) e Ernest (1984))

- iii) uma leitura frásica apresenta, preferencialmente, as posições inicial e final de frase.

Esta escolha tem em conta as exigências de restrição do *corpus* em análise e corresponde ao objectivo de observar uma amostra que documente alguma da heterogeneidade responsável pela definição problemática da categoria advérbio.

3.1. Interação

Os advérbios estudados surgem em quatro posições frásicas, a saber: posição inicial (P1), posição entre sujeito e verbo (P2), posição pós-verbal (P3) e posição final de frase (P4). A eventual ambiguidade de alguns destes constituintes em função da sua posição na frase foi controlada experimentalmente.⁴

Relacionemos o comportamento prosódico destes constituintes com a sua distribuição e interpretação.

Os resultados da análise prosódica efectuada permitem-nos estabelecer as seguintes conclusões:

- (6) a. Um advérbio com uma **leitura de orientação para o falante ou para o sujeito** é prosódicamente marcado em qualquer posição da frase;
- b. Um advérbio com uma **leitura de modo** é prosódicamente marcado se não ocorre numa posição pós-verbal (P3 ou P4);
- c. Um advérbio com uma **leitura de frequência** (ou **de tempo**, se adoptarmos uma designação mais global) apresenta um comportamento prosódico mais variado, com oscilações de marcação em P1, P3 e P4, mas surgindo claramente marcado em P2.

O exemplo paradigmático de (6) a. é **infelizmente**, advérbio com uma leitura frásica de orientação para o falante. Os contornos entoacionais representados na fig. 3 ilustram a presença sistemática da marcação prosódica do advérbio, realizada por padrões de variação de F_0 , nas diversas posições frásicas consideradas.

Ao confrontarmos o contorno (D) da fig. 3 com o contorno (B) da fig. 4, verificamos que, no primeiro, a marcação prosódica do advérbio **infelizmente** é realizada por um padrão de variação mais expressivo do que aquele que realiza a marcação prosódica do advérbio **frequentemente**, no segundo contorno. Esta diferença corresponde à presença de dois tipos de contornos globais - respectivamente, o **contorno de padrão de variação adjunto** (em que a variação de F_0 é adjunta ao contorno de base, pois o advérbio é precedido por um fim de frase relativo, ou seja, por uma queda pronunciada de F_0 na posição tónica imediatamente anterior ao constituinte) e o **contorno de padrão de variação integrado** (em que as variações de F_0 associadas ao advérbio não são separadas do contorno restante por uma quebra prévia).

⁴ Este controlo foi efectuada através da realização de uma **tarefa de construção de paráfrases**, em que cada informante dá a conhecer a interpretação que atribui ao advérbio em determinada posição frásica (ver Firota (1991: 38-39)).

Correlacionada com esta diferença está uma gradação decrescente, do ponto de vista perceptivo, da marcação prosódica do advérbio. Podemos ainda acrescentar a estes factos a escassa presença de pausas silenciosas junto a **frequentemente**, em oposição à percentagem elevada de pausas junto a **infelizmente**.

Estes exemplos documentam a diferença de comportamento prosódico entre um advérbio orientado para o falante e um advérbio de tempo: o primeiro é sempre prosodicamente marcado; o segundo, podendo ser ou não marcado, como afirmado em (6) c., pode também ocorrer, em grande parte das produções, com graus inferiores de marcação prosódica.

O caso (6) h. é representado neste *corpus* pelo advérbio **gentilmente**. Quando interpretado como advérbio de modo, apresenta uma marcação prosódica com realizações do tipo das já descritas, se ocorre em P1 ou P2. Ocorrendo em P3 ou P4, este advérbio pode ser ou não marcado, como os contornos (A) da fig. 4 ilustram. A sua não-marcação traduz apenas a interpretação de modo e induz apenas a essa leitura. Se marcado, este advérbio torna-se ambíguo entre as leituras de modificador do verbo e do sujeito frásico. Esta ambiguidade é ilustrada pelas interpretações apresentadas em (7) a. (leitura de modo) e b. (leitura de sujeito):

- (7) __ os rapazes __ ofereceram __ rosas às raparigas __
gentilmente
a. Os rapazes deram flores às raparigas de um modo gentil.
b. Os rapazes foram simpáticos e ofereceram rosas às raparigas.

Do conjunto de conclusões acima exposto e comentado, resulta a seguinte generalização:

- (8) a. Um advérbio com uma leitura de modificador do falante (FAL) ou do sujeito (SUJ) é sempre prosodicamente marcado;
b. Um advérbio com uma leitura de modificador do verbo (V) ou do tempo (T) nem sempre é prosodicamente marcado.

A generalização expressa em (8) define a interacção entre prosódia, interpretação e distribuição nos termos de uma dicotomia prosódica. Tentemos verificar até que ponto esta dicotomia prosódica e outros aspectos caracterizadores do comportamento do advérbio na frase se apresentam convergentes.

3.2. Convergência

Tendo como referência a análise de Jackendoff (1972), autores como Bellert e Ernest distinguem os advérbios orientados para o sujeito e grande parte dos advérbios orientados para o falante dos advérbios de modo e de frequência. Os primeiros são apresentados como "predicados com dois argumentos" e a frase em que ocorrem forma não uma, mas duas "proposições". Pelo contrário, os segundos são apresentados como "predicados com um argumento" e a frase em que ocorrem forma uma só "proposição". Desta diferença decorrem

outras como, por exemplo, o diferente comportamento destes dois grupos de advérbios em estruturas negativas e interrogativas, que abaixo exemplificamos:

- (9) a. O João comeu a sopa **lentamente**. (Adv modificador de V)
b. O João não comeu a sopa lentamente. (mas *O João comeu a sopa*)
c. O João comeu a sopa lentamente ?
- (10) a. O João come sopa **habitualmente**. (Adv de frequência)
b. O João não come sopa habitualmente. (mas *O João come sopa*)
c. O João come sopa habitualmente ?
- (11) a. O João deixou de fumar, **inteligentemente**.
(Adv orientado para o SUJ)
b. O João não deixou de fumar, inteligentemente.
(*O João não deixou de fumar*)
c. *O João deixou de fumar, inteligentemente ?
(versus *Terá sido o João inteligente ao deixar de fumar ?*)
- (12) a. O João fuma tabaco inglês, **felizmente**.
(Adv orientado para o falante)
b. O João não fuma tabaco inglês, felizmente.
(*O João não fuma tabaco inglês*)
c. *O João fuma tabaco inglês, felizmente ?
(versus *Acharei eu positivo o facto de o João fumar tabaco inglês ?*)

É, portanto, evidente a convergência encontrada entre esta dicotomia, estabelecida com base em aspectos de ordem semântica, e a dicotomia prosódica expressa em (8) a./b. .

Tentemos alargar essa convergência, relacionando-a com questões e propostas de análise sintáctica para o advérbio, como as presentes em Ernest (1984), Sportiche (1988) e Âmbar (1990). Para o efeito, passamos a assumir o seguinte:

(13) A existência de uma relação entre a interpretação do advérbio e a sua posição frásica de base (na esteira de Bellert (1977) e de Ernest (1984), que, por sua vez, desenvolvem e reformulam as propostas de Jackendoff (1972));

(14) A estrutura sintáctica de frase exposta em Âmbar (1990) e a ideia de que os advérbios estabelecem uma relação de modificação com cabeças de constituintes sintácticos (em Âmbar (1990) analisam-se modificadores do verbo (V) e do tempo (T));

(15) O pressuposto de que o advérbio, sendo um modificador, é um adjunto, estando pois a configuração sintáctica em que ocorre regulada pelo "Princípio de Projectão de Adjuntos" (ver, por exemplo, Sportiche (1988: 426)).

Admitindo que os advérbios são basicamente gerados como adjuntos, no domínio configuracional do elemento por eles modificado, estaríamos a supor a existência de correspondentes (?) sintácticos para falante (FAL), sujeito (SUJ), tempo (T) e verbo (V) - os elementos modificados.

Quanto a V, essa correspondência não é problemática: V é a cabeça lexical do domínio VP. Quanto a T, já o mesmo não pode ser afirmado: T é a cabeça do domínio TP, mas é uma cabeça não lexical na base, possuindo apenas marcas de tempo (e eventualmente aspecto). Por outro lado, importa desde já notar que T é também a cabeça da frase, o que parece ter consequências para o comportamento prosódico dos advérbios de TP (cf. (6) c.)

Se nos dois casos anteriores é possível estabelecer-se uma correspondência mais ou menos directa, para FAL e SUJ as relações existentes são mais complexas. Na frase, as marcas de concordância verbal dependem do sujeito. Ao considerarmos a presença dessas marcas em AGR, então AGRP poderá ser tomado como o domínio configuracional de base dos advérbios orientados para o sujeito. Note-se que, se atendermos aos processos de derivação da estrutura frásica, defendidos nos últimos anos, esta proposta faz uma predição adequada: por AGRP passam tanto o sujeito frásico como o verbo e, conseqüentemente, um advérbio que modifique sobre esse domínio poderá oscilar entre uma leitura de sujeito e uma leitura de modo. Como já tivemos oportunidade de referir - veja-se o caso aqui estudado de *gentilmente* - os advérbios de SUJ são de facto ambíguos entre essas duas leituras. Por último, no que respeita a FAL, a existência de um correspondente (?) sintáctico é ainda mais problemática. Sendo FAL uma entidade extrafrásica e relembrando a distinção (já) tradicional \bar{E}/E , agora transposta para CP/TP, diríamos que o domínio configuracional de adjunção dos advérbios modificadores de FAL será CP.

Importa, para já, notar um aspecto que aponta para a convergência que temos vindo a verificar: os elementos modificados V e T distinguem-se de SUJ e FAL pela menor complexidade na identificação do domínio configuracional a eles associado, menor complexidade essa que talvez esteja relacionada com o grau superior de sintactização dos primeiros elementos modificados em relação aos segundos.⁵

Se juntarmos (16) às considerações acima efectuadas, relacionamos a dicotomia prosódica de (8) com aspectos de ordem sintáctica. Tal relação está expressa em (17):

(16) Um advérbio que ocorre numa posição de superfície diferente da do seu domínio de base é prosodicamente marcado;

(17) a. CP ocupa a posição de início de frase, que, do ponto de vista prosódico, se caracteriza por uma marcação prosódica inerente (cf. Frota (1991: 355-356 e 377-378). Por conseguinte, um advérbio de CP, mesmo que ocorra no seu domínio de base, é prosodicamente marcado;⁶

⁵ Por ordem decrescente de grau de sintactização teremos: 1) V como a única cabeça lexical plena, opondo-se a T, SUJ e FAL; 2) T como menos lexical, mas possuindo traços especificados - tempo e, talvez, aspecto -, em oposição a SUJ (AGR) e FAL (C) que são menos lexicais, mas não possuem na base traços especificados; 3) AGR como menos lexical e sem traços especificados, mas possuindo traços por especificar - uma matriz com os valores de pessoa e número por fixar; 4) C como menos lexical e sem traços especificados ou por especificar (salvo, possivelmente, em casos restritos, em que se admita uma concordância desencadeada por um constituinte em SPEC de CP).

⁶ Se se considerar a possibilidade de adjunção à direita, CP ocupará, simetricamente, a posição de fim de frase, posição que, de acordo com o estudo prosódico efectuado, possui também a especificidade de ser uma posição marcada.

b. Um advérbio de AGRP, para ser interpretado com um modificador de SUJ (e não de V), tem de ser prosódicamente marcado, mesmo que ocorra no seu domínio de base;

c. Um advérbio de TP, sendo T a cabeça da frase, de algum modo possui a frase como o seu domínio de base. Assim não parece existir motivação gramatical para a sua marcação prosódica;⁷

d. Um advérbio de VP numa posição pós-verbal ocorre no seu domínio de base, logo não parece existir motivação gramatical para a sua marcação prosódica.

A convergência verificada entre a posição estrutural frásica do constituinte, a sua interpretação e a presença/ausência necessária de uma marcação prosódica contribui para um entendimento integrado das características gramaticais do advérbio. Essa convergência subjaz, como potencial factor explicativo, às características prosódicas sistematicamente observadas nas produções dos falantes, de que as figuras 3 e 4 constituem uma amostra representativa em relação ao *corpus* analisado. Todavia, alguns resultados prosódicos, igualmente consistentes, são ainda deixados sem explicação aparente - é o caso do problema P2, isto é, do comportamento do advérbio entre sujeito e verbo. Da própria análise, no entanto, decorrem algumas pistas que devem ser tomadas como hipóteses a considerar em etapas futuras da investigação. É destas pistas que passaremos a tratar, em seguida.

No conjunto dos resultados prosódicos, P2 é a posição frásica mais fortemente marcada. P2 é, igualmente, uma posição problemática para a derivação sintáctica deste tipo de frases (veja-se, por exemplo, Âmbar (1990)). A caracterização de P2 como uma posição de forte marcação prosódica deve-se ao facto de a ocorrência do advérbio nesta posição, ele próprio um constituinte marcado em P2, favorecer a presença de uma marcação adjacente sobre o sujeito da frase. As figuras 3 (B) e 5 ilustram estes factos.

Podéramos apenas considerar, no seguimento de (16) e (17), que os advérbios modificadores de FAI., SUJ e V são marcados em P2 porque ocorrem numa posição diferente da do seu domínio configuracional de base. Mas como explicar a idêntica marcação de um modificador de T ? E como explicar, ainda, a associação verificada entre a ocorrência do advérbio em P2 e a marcação do sujeito frásico ?⁸

Consideremos três hipóteses.

A primeira hipótese coloca em evidência o grau de lexicalização da cabeça modificada. Note-se que V é a única cabeça com um estatuto lexical pleno. Esta relação entre marcação prosódica e elementos com estatuto não lexical é uma ideia que tem sido expressa, por vezes defendida e por vezes rejeitada, em trabalhos sobre sintaxe ou sobre prosódia, tal como a ideia

⁷ A ideia de que o domínio de modificação deste advérbio é a frase é expressa em Lopes (1977), ao ser afirmado que este advérbio "determina não apenas a forma verbal, mas toda a restante estrutura da oração" (Lopes (1977:61)).

⁸ Estes resultados prosódicos, no que respeita ao advérbio de T, são dados que divergem do ponto de vista prosódico das apreciações intuitivas sobre a prosódia das frases analisadas em Âmbar (1990).

similar da visibilidade fonológica de certas categorias vazias (ver, por exemplo, Chomsky (1981: 181-182) e Nespor e Vogel (1986: 48-57)). A marcação prosódica dos advérbios de FAI e de SUJ em P2 é explicada por razões de ordem mais global, como vimos. Por sua vez, a marcação prosódica dos advérbios de T em P2 estaria, então, relacionada com o estatuto não lexical da cabeça modificada. Evidentemente, a validação de tal hipótese, que por agora parece ter um carácter demasiado localizado para dar conta de um caso específico, passaria por um estudo amplo e articulado da marcação prosódica e das categorias com um estatuto não plenamente lexical. Note-se, todavia, que a relação entre estes elementos e as características prosódicas do sujeito da frase não nos parece nada transparente, à luz da hipótese 1.

A segunda hipótese coloca em evidência o facto prosódico de o advérbio, por vezes, apresentar o contorno entoacional que é habitualmente associado às expressões parentéticas (cf. Frota (1991: 260 e 281) e Kutik e Cooper (1983)). Se o advérbio for uma expressão desse tipo, ele poderia não estar integrado na estrutura da frase, mas apenas linearmente relacionado com ela (sobre esta questão veja-se MacCawley (1982) e Sportiche (1988)). Estaria então explicada a forte marcação prosódica do advérbio em P2 e a sua associação à marcação do sujeito frásico.⁹ No entanto, vários problemas se levantam de imediato a esta hipótese, enfraquecendo-a: 1) por que razão os vários advérbios seriam **sempre** expressões parentéticas em P2 e não nas outras posições da frase; 2) como é referido em Bolinger (1972), o falante, à partida, pode tratar um modificador prosodicamente "preso" como parentético, mas o inverso já não é possível (a este respeito, ver ainda Frota (1991: 277-278 e 299-300)); 3) a configuração entoacional da parentética é a menos frequente no *corpus* analisado.

A terceira hipótese coloca em evidência a relação existente entre os factos da marcação do advérbio e os factos da marcação do sujeito e encontra a sua motivação mais directa nos resultados prosódicos obtidos - o carácter fortemente marcado de P2.

Referimos já (cf. secção 2.) as características gramaticais que fazem do sujeito frásico um candidato a receber a marcação prosódica. Num estágio inicial da derivação da frase com um advérbio de V ou de SUJ, o sujeito ocupa a posição de início de frase e é o candidato provável a ser prosodicamente marcado. Se um advérbio de V ou de SUJ se mover para fora do seu domínio configuracional de base vindo a estabelecer uma relação de adjunção à esquerda com o sujeito, este advérbio, de acordo com (16), será também prosodicamente marcado. Numa configuração deste tipo, teríamos dois elementos que foram alvo de marcação prosódica numa situação de adjacência. Vários resultados prosódicos nos dizem que esta é uma situação que tende a ser resolvida. Vejamos um exemplo: a presença de um advérbio em posição inicial de frase (na superfície) - advérbio esse que é sempre marcado nessa posição (ver fig. 3 (A)) - inibe a possibilidade de marcação do sujeito (cf. Frota (1991: 240-241)).

Na sequência do anteriormente exposto, a manter-se a configuração ADV_SUJ a marcação prosódica do segundo constituinte tenderia a ser eliminada (cf. secção 2. - a

⁹ Nespor e Vogel (1986) tratam as expressões parentéticas nestes mesmos termos. A inserção de uma parentética após o sujeito frásico faz com que também este constituinte constitua uma "intonational phrase". Veja-se, principalmente, as páginas 187 a 189.

marcação de natureza gramatical prevalece). Para o sujeito possuir a marcação prosódica de **tópico** da frase e ser reconhecido como tal, ele terá de se mover para uma posição em que, necessariamente, preceda o advérbio.

Quanto ao advérbio de T, passar-se á algo de semelhante, pois, só precedendo o advérbio, o sujeito poderá surgir em início de frase apresentando as suas características de marcação prosódica. Quanto ao advérbio de FAL., encontramos também aspectos semelhantes, nomeadamente no que respeita à motivação e às consequências prosódicas da sua derivação. Admitindo que este tipo de advérbio é gerado na posição (prosódica) de início de frase, a sua marcação prosódica prevaleceria sempre, como sucede de facto com as frases em que este advérbio surge em PI. A única forma de o sujeito adquirir o estatuto prosódico marcado de **tópico** é mover-se para uma posição em que preceda o advérbio.

Esta terceira hipótese relaciona-se de forma adequada com as conclusões prosódicas - as figuras 3, 4 e 5 ilustram-no - e coloca ainda a questão, certamente a explorar, da existência de "antagonismos" ao nível da estrutura prosódica da frase, à imagem dos antagonismos existentes (no que respeita ao tratamento do acento) ao nível lexical (ver, por exemplo, Andrade e Viana (1988)). Todavia, esta é uma hipótese com implicações para a organização da gramática, apontando no sentido de uma maior complexidade das possibilidades consideradas de interacção entre componentes. Implicações similares têm surgido com frequência na literatura linguística recente (veja-se Duarte (1987) e Nespor e Vogel (1986)). A validação da hipótese 3 passaria, conseqüentemente, por uma investigação interactiva dos factos prosódicos e de outros factos gramaticais associados a fenómenos linguísticos, como, por exemplo, a topicalização ou as adjunções em geral.

3.3. Uma atribuição de **tópico** marcado

Para além da convergência verificada entre aspectos prosódicos, aspectos semânticos e aspectos sintáticos caracterizadores do comportamento do advérbio na frase, os resultados da análise prosódica estabelecem ainda uma outra convergência: a marcação do advérbio, independentemente da interpretação atribuída ao constituinte e da posição em que este ocorre, é consistentemente realizada através de uma mesma configuração de parâmetros prosódicos. Essa configuração apresenta como elemento fulcral, como é aliás comum à generalidade das marcações prosódicas, um movimento desviante de F_0 em relação ao traçado do contorno de base. Tomamos a seguinte relação interparamétrica como a expressão dessa primazia da frequência fundamental: $[F_0 (En) (Dur)]^{10}$.

No entanto, à realização desta marcação específica, não é indiferente a contribuição de outros parâmetros. A existir essa contribuição, para além da frequência fundamental, o parâmetro seleccionado é, consistentemente, a duração e não a energia. São, assim, variáveis da dimensão temporal - introdução de pausas, alongamentos vocálicos, alterações na

¹⁰ Note-se que a ordem dos elementos opcionais é arbitrária.

velocidade de elocução - que assumem o papel de adjuvantes da frequência fundamental, na realização da marcação prosódica do advérbio. Consequentemente, tomamos a seguinte relação interparamétrica como a expressão destes factos prosódicos: $\{ | F_0 (\text{Dur}) | (\text{En}) |$.

Sendo esta configuração de parâmetros diferente da que realiza, também sistematicamente, outras marcações - é o caso da marcação de que é alvo o quantificador universal **todos(as)** (cf. Frota (1991)) -, somos levados a colocar a hipótese de que as diferentes especificações prosódicas constituem realizações de diferentes categorias de marcação prosódica.

A articulação destes factos com referências presentes na literatura às funções frásicas de tópico e foco aponta - no sentido da hipótese colocada¹¹. Diremos, então, que a marcação do advérbio pertence a uma categoria específica de marcação prosódica:

(18) A marcação do advérbio constitui um processo de atribuição de **tópico marcado**.

Num processo de atribuição de **tópico marcado** a realização da marcação prosódica caracteriza-se pela relação interparamétrica $\{ | F_0 (\text{Dur}) | (\text{En}) |$.

A outra categoria de marcação prosódica, também tratada em Frota (1991) mas que não é o assunto central do presente estudo, é o **foco marcado**.

As frases (19) a (21) permitem-nos observar que constituintes (apresentados em maiúsculas) surgem associados à atribuição de **tópico marcado**:

(19) a. Os alunos ofereceram flores ao professor. (fig. 1 (A))

Tópico, sem marcação prosódica do sujeito;

b. OS ALUNOS ofereceram flores ao professor. (fig. 1 (B))

Tópico, com marcação prosódica do sujeito, ou seja, **tópico marcado**.

(20) a. INFELIZMENTE as idosas ofereceram livros aos maridos. (fig. 3 (A))

b. AS IDOSAS INFELIZMENTE ofereceram livros aos maridos.

(fig. 3 (B))

c. As idosas ofereceram INFELIZMENTE livros aos maridos. (fig. 3 (C))

d. As idosas ofereceram livros aos maridos INFELIZMENTE. (fig.3 (D))

(21) a. AOS MARIDOS as idosas ofereceram livros.

b. Ofereceram livros aos maridos AS IDOSAS.

Estamos, pois, a relacionar a atribuição de **tópico marcado** com estruturas de topicalização e com estruturas de adjunção resultante ou não de movimento. Quanto às estruturas de topicalização, apesar de desconhecermos a existência de uma análise prosódica sistemática para frases do tipo das que apresentamos em (22), a afirmação de que a um constituinte topicalizado está associada uma marcação prosódica é comum na literatura (veja-se, por exemplo, Duarte

¹¹ Destacamos as referências presentes em Mateus *et alii* (1989), Duarte (1987) e Viana (1987), para o Português; em Quirk e Greenbaum (1973) e Thorsen (1983), para o Inglês; em Thorsen (1983), também para o Alemão e o Sueco Standard; em Prieto (1985), para o Francês e os dialectos galegos do Português.

(1987), Viana (1987: 83-86 e 116) e Nespor e Vogel (1986: 188))¹². Quanto às estruturas de adjunção resultante de movimento, o comportamento prosódico do advérbio constitui uma ilustração de que tais estruturas, pelo menos em alguns casos, são caracterizadas prosodicamente por uma atribuição de tópico marcado.

Em síntese, ao advérbio, segundo as condições determinadas em (16) e (17), está associado um processo de atribuição de **tópico marcado**, sendo o tópico marcado uma das categorias de marcação prosódica disponíveis na estrutura prosódica da frase. Esta marcação pode ser desencadeada por informação gramatical de ordem sintáctica e/ou semântica e é obtida posicionalmente - posição marcada inicial ou posição marcada final de frase - ou através da atribuição de um traço prosódico de tópico.¹³

4. Desenvolvimentos

Ao estudarmos a prosódia da frase declarativa simples e, mais especificamente, o comportamento prosódico do advérbio na frase, construímos um quadro de derivação dos contornos frásicos que nos possibilitou definir e relacionar configurações neutras e configurações marcadas. Uma análise da ocorrência de configurações marcadas permitiu-nos estabelecer a sua natureza opcional, ou a sua natureza gramaticalmente motivada. A observação atenta da prosódia do advérbio na frase, em relação com outros aspectos gramaticais caracterizadores deste constituinte, levou-nos a concluir estarmos em presença de um processo de marcação prosódica desencadeado por factores gramaticais, de ordem semântica e sintáctica. Este processo de marcação, ao apresentar uma realização prosódica consistentemente idêntica na sua definição interparamétrica e semelhante à marcação associada a outros constituintes ou construções frásicas - como o sujeito e os elementos topicalizados - foi classificado como pertencendo a uma única categoria de marcação prosódica, o **tópico marcado**.

Face aos resultados obtidos e às conclusões a partir deles estabelecidas - designadamente a existência de uma interacção entre aspectos prosódicos, sintácticos e semânticos que conduz a uma convergência dos comportamentos prosódico, sintáctico e semântico dos elementos envolvidos - várias questões foram e serão levantadas. Entre as primeiras está o problema P2 e as três hipóteses avançadas e discutidas na busca do seu tratamento adequado. Entre as últimas estão como desenvolvimentos futuros desta investigação: 1) a extensão da análise prosódica a outros constituintes/estruturas; 2) a reflexão e discussão sobre o estatuto e a representação fonológicos das categorias de marcação prosódica, que, tendo uma natureza fonológica, se apresentam com uma vocação interactiva na gramática.

¹² Trata-se de uma afirmação corroborada por observações nossas da prosódia da frase com constituintes topicalizados, como *A caiteira, o Luis encontrou(-a) na sala*.

¹³ Se se vier a verificar que o traço prosódico de tópico [+T] é atribuído exclusiva e necessariamente a um certo tipo de adjuntos, esta será uma marcação prosódica talvez tão posicional quanto a de início e fim de frase. Por conseguinte, talvez [+T] possa vir a verificar-se como um processo de atribuição de tópico menos adequado. As evidências neste ou noutro sentido virão de trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- Âmbar, M. Manuela (1990) "Sobre a Posição do Sujeito, Movimento do Verbo e Estrutura da Frase", *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa da Linguística*. Lisboa: FLI., 369-399.
- Andrade, E. e M. C. Viana (1988) "O ritmo e o acento em português", Comunicação apresentada no II Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística em Homenagem ao Professor L. F. Lindley Cintra.
- Barbosa, Jerónimo Soares (1822/71) *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Língua*. 5ª ed. Lisboa: Typographya da Academia Real da Sciencias.
- Bellert, Irena (1977) "On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs", *Linguistic Inquiry*, 8.2, 337-351.
- Bolinger, Dwight (1972) Recensão crítica de *On the intonation and position of the so-called sentence modifiers in present-day English*. De Hans H. Hartvigson. *Language*, 48, 454-463.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- Cutler, A. e D.R. Ladd (eds.) (1983) *Prosody: Models and Measurements*. Berlin: Springer-Verlag.
- Delgado Martins, M. Raquel e F. Lacerda (1977) "Para uma gramática da entoação", Congresso de Filologia e Linguística, Rio de Janeiro, ms. .
- Duarte, Inês (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre o Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ernest, Thomas B. (1984) *Towards an integrated theory of adverb position in English*. Bloomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- Frota, Sónia (1991) *Para a Prosódia da Frase: Quantificador, Advérbio e Marcação Prosódica (Somente alguns tópicos em foco)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Jackendoff, Ray S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Kutik, Elanah J. e William E. Cooper (1983) "Declination of fundamental frequency in speakers' production of parenthetical and main clauses", *J.A.S.A.*, 73.5, 1731-1738.
- Ladd, D. Robert (1983) "Peak Features and Overall Slope", in A. Cutler e D. R. Ladd (eds.), *Prosody: Models and Measurements*. Berlin: Springer-Verlag, 39-52.

- Lopes, Óscar (1977) "Advérbio", **Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e da Teoria Literária**. Dir. por João José Cochofel. s.l.: Iniciativas Editoriais, Vol. 1, 60-62.
- Mateus, M. Helena *et alii* (1989) **Gramática da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Caminho.
- McCawley, James D. (1982) "Parentheticals and Discontinuous Constituent Structure", **Linguistic Inquiry**, 13.1, 91-106.
- Nespor, Marina e Irene Vogel (1986) **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications.
- Prieto, Domingos (1985) "Prosodic Representation and Transformations in Galician-Portuguese", in Harry van der Hulst e Norval Smith (eds.), **Advances in Nonlinear Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 205-216.
- Quirk, R. e S. Greenbaum (1973) **A University Grammar of English**. London: William Clows & Sons.
- Sportiche, Dominique (1988) "A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure", **Linguistic Inquiry**, 19.3, 425-449.
- Thorsen, Nina (1983) "Two issues in the Prosody of Standard Danish", in A. Cutler e D. R. Ladd (eds.), **Prosody: Models and Measurements**. Berlin: Springer-Verlag, 27-38.
- Vaissière, Jacqueline (1983) "Language-Independent Prosodic Features", in A. Cutler e D. R. Ladd (eds.), **Prosody: Models and Measurements**. Berlin: Springer-Verlag, 53-66.
- Viana, M. C. (1987) **Para a Síntese da Entoação do Português**. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - INIC.

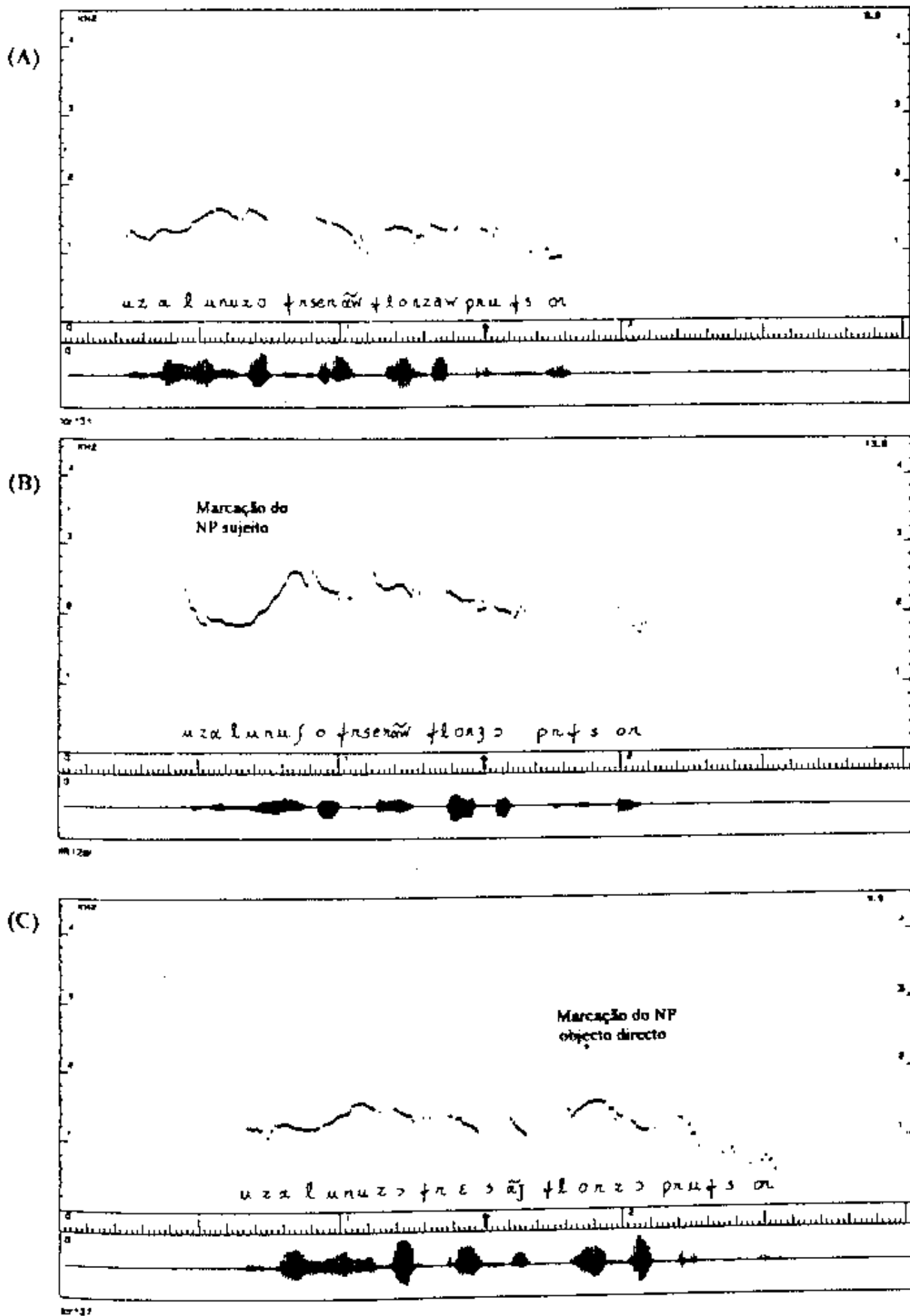


Figura 1. Contornos entoacionais - traçados de F_0 : (A) Frase neutra; (B) Frase com marcação prosódica do NP sujeito; (C) Frase com marcação prosódica do NP objecto directo.

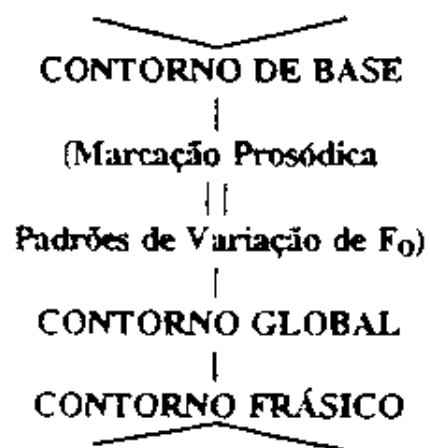
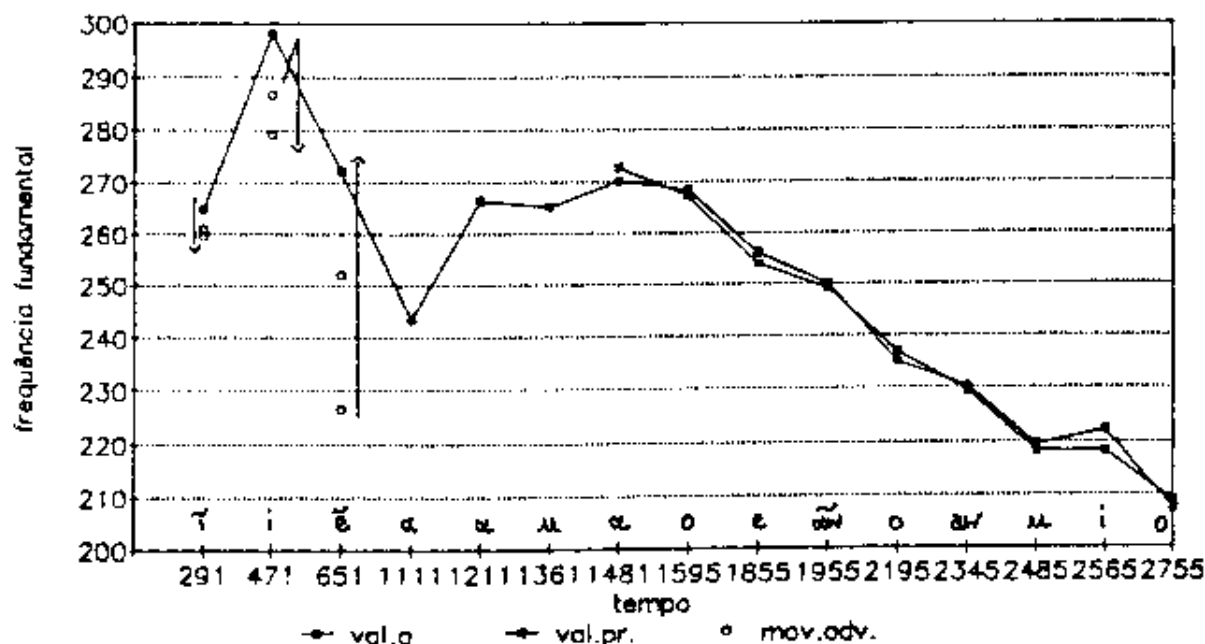


Figura 2. Quadro de referência para a análise dos contornos frásicos da frequência fundamental (adaptado de Frota (1991), fig. 3.11)

CONTORNO DE F₀ - PICOS

Valores observados / Valores preditos

(A)

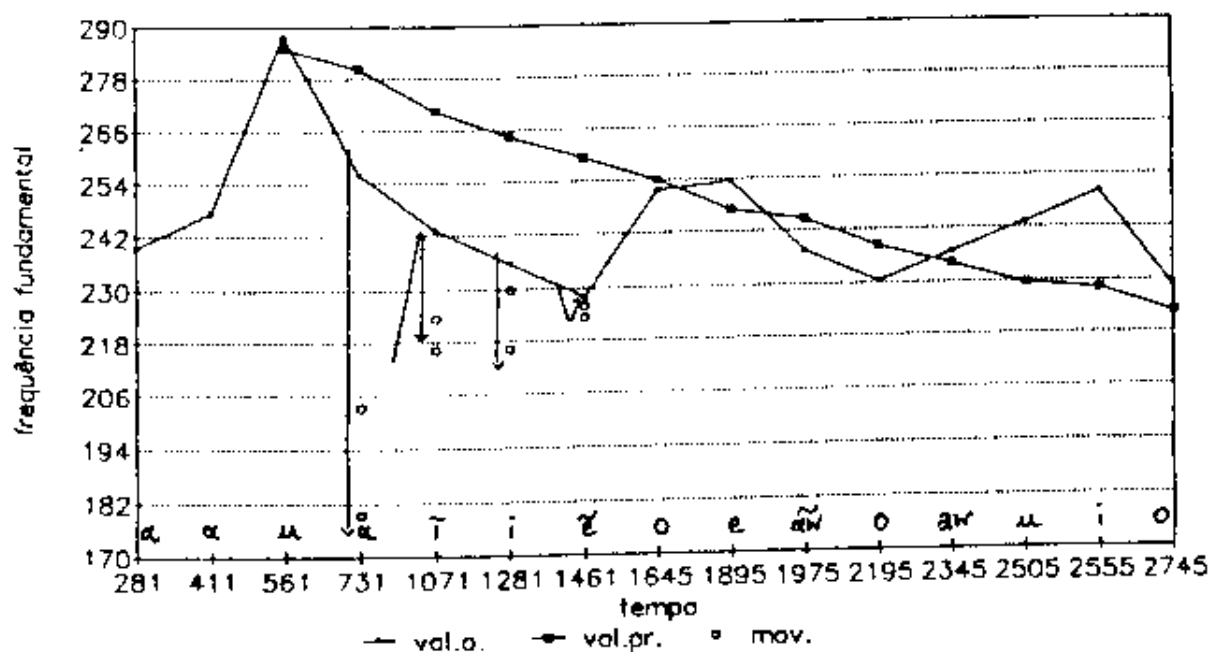


Comparação dos valores de pico do contorno de F₀ (a partir do pico do contorno frásico) observados na frase Infelizmente as alunas ofereceram flores ao monitor com os valores preditos para os mesmos picos por um modelo linear de regressão simples ($r=0.99$). As setas indicam o sentido dos movimentos ao longo das posições silábicas do Adv.

CONTORNO DE F₀ - PICOS

Valores observados / Valores preditos

(B)

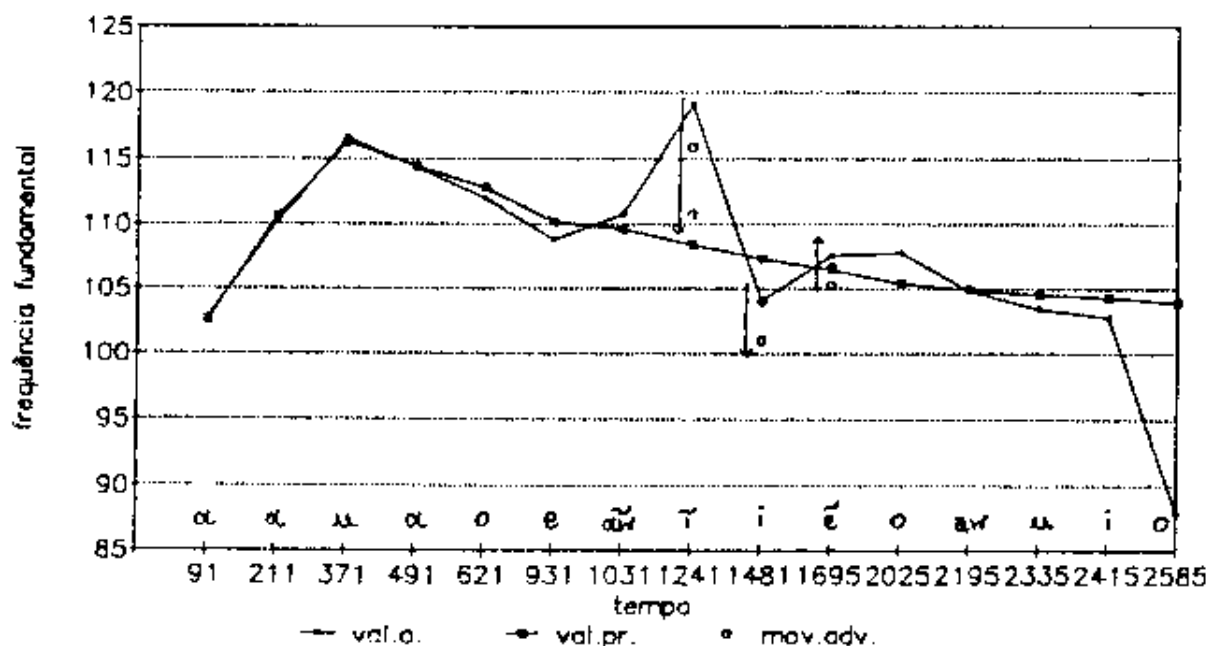


Comparação dos valores de pico do contorno de F₀ (a partir do pico do contorno frásico) observados na frase As alunas infelizmente ofereceram flores ao monitor com os valores preditos para os mesmos picos por um modelo linear de regressão simples ($r=0.96$). As setas indicam o sentido dos movimentos ao longo da última vogal do Nsuj e das vogais do Adv.

CONTORNO DE F₀ – PICOS

Valores observados / Valores preditos

(C)

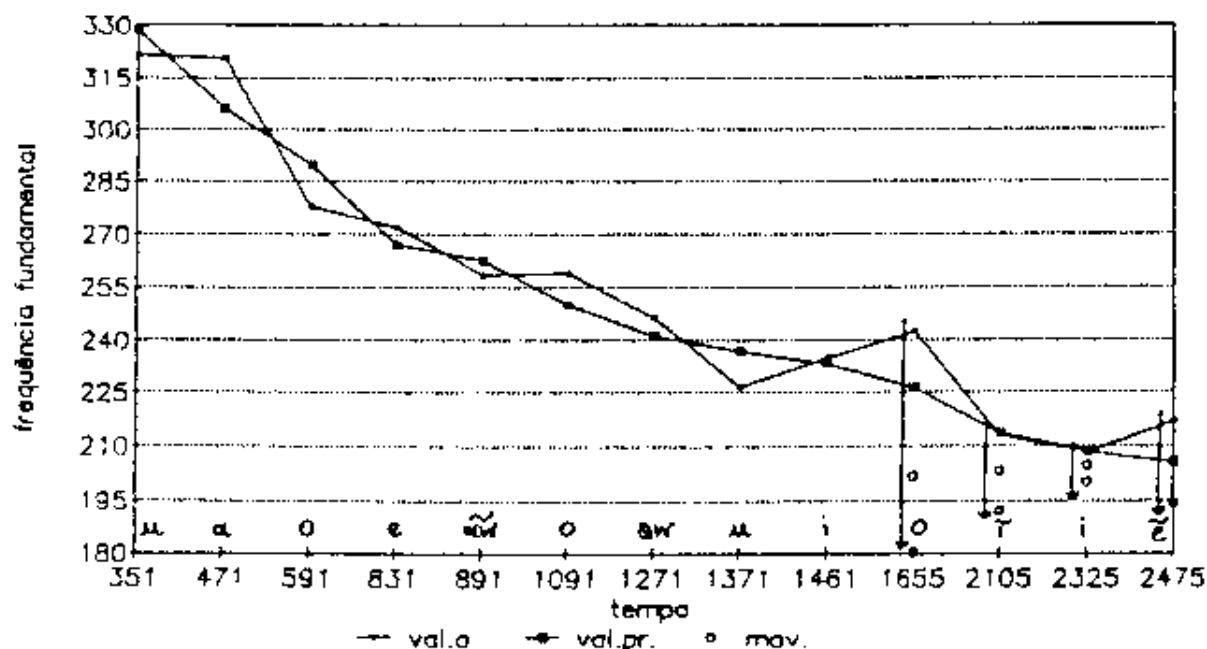


Comparação dos valores de pico do contorno de F₀ observados na frase *As alunas ofereceram infelizmente flores ao monitor* com os valores preditos para os mesmos picos por um modelo multiplicativo de regressão simples. Para a linha estimada até à 1ª vogal acentuada, $r = 0.99$. Para a linha estimada a partir dessa posição, $r = 0.96$. As setas indicam o sentido dos movimentos ao longo das vogais do Adv.

CONTORNO DE F₀ – PICOS

Valores observados / Valores preditos

(D)



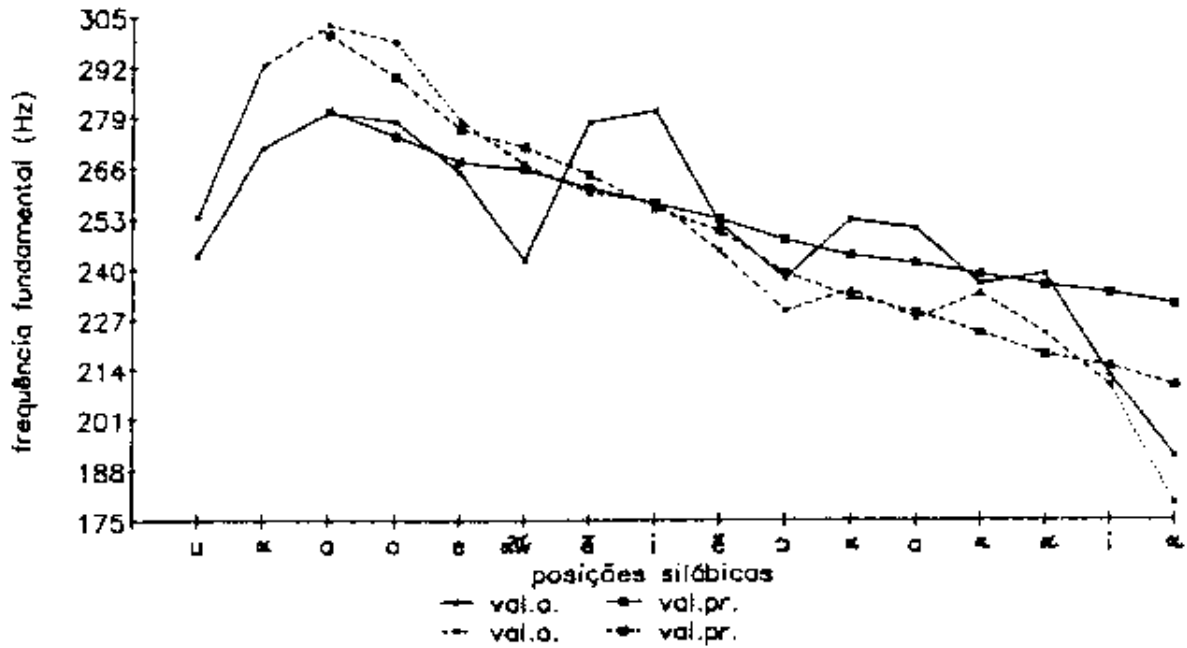
Comparação dos valores de pico do contorno de F₀ (a partir do pico do contorno frásico) observados na frase *As alunas ofereceram flores ao monitor infelizmente* com os valores preditos para os mesmos picos por um modelo multiplicativo de regressão simples ($r = 0.98$). As setas indicam o sentido dos movimentos na última vogal acentuada e nas vogais do Adv.

Figura 3. Representação do contorno de F₀ de uma frase com um advérbio em P1 (A), em P2 (B), em P3 (C) e em P4 (D). Em P1 e P2 surge o contorno de variação adjunto. Figuras extraídas de Frota (1991).

CONTORNO DE F₀ – PICOS

Confronto entre 2 produções

(A)

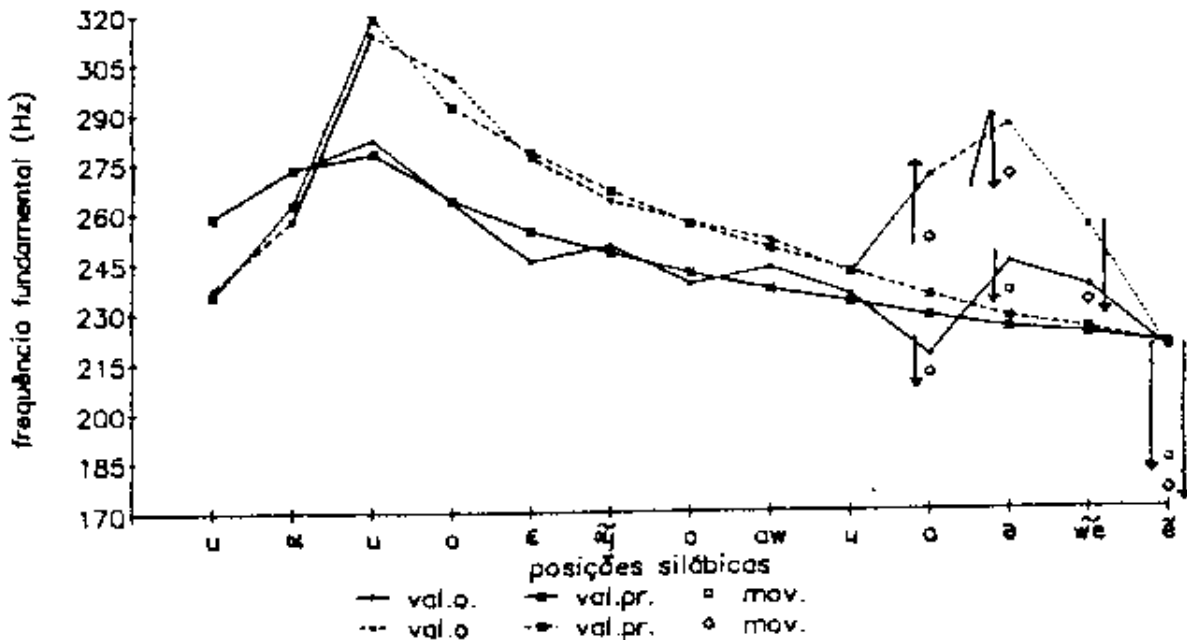


Confronto entre duas produções da frase Os rapazes ofereceram gentilmente rosas às raparigas: no contorno a cheio, o Adv. é prosodicamente marcado; no contorno a tracejado, o Adv. não é marcado. Para cada produção apresenta-se a linha de valores observados e a linha de valores preditos ($r=0.99$ e a 0.97 , respectivamente).

CONTORNO DE F₀ – PICOS

Confronto entre 2 produções

(B)



Confronto entre duas produções da frase Os alunos oferecem flores ao professor frequentemente. Para cada produção apresenta-se a linha de valores observados e a linha de valores preditos: para a linha a cheio, do ataque à 1ª vogal acentuada $r=0.999$ e desta posição até ao fim de frase $r=0.97$; para a linha a tracejado, $r=0.99$. As setas indicam o sentido dos movimentos na penúltima tónica e nas vogais do Adv.

Figura 4. Representação de contornos entoacionais de frases com advérbios em P2 e P4. Figuras extraídas de Frota (1991).

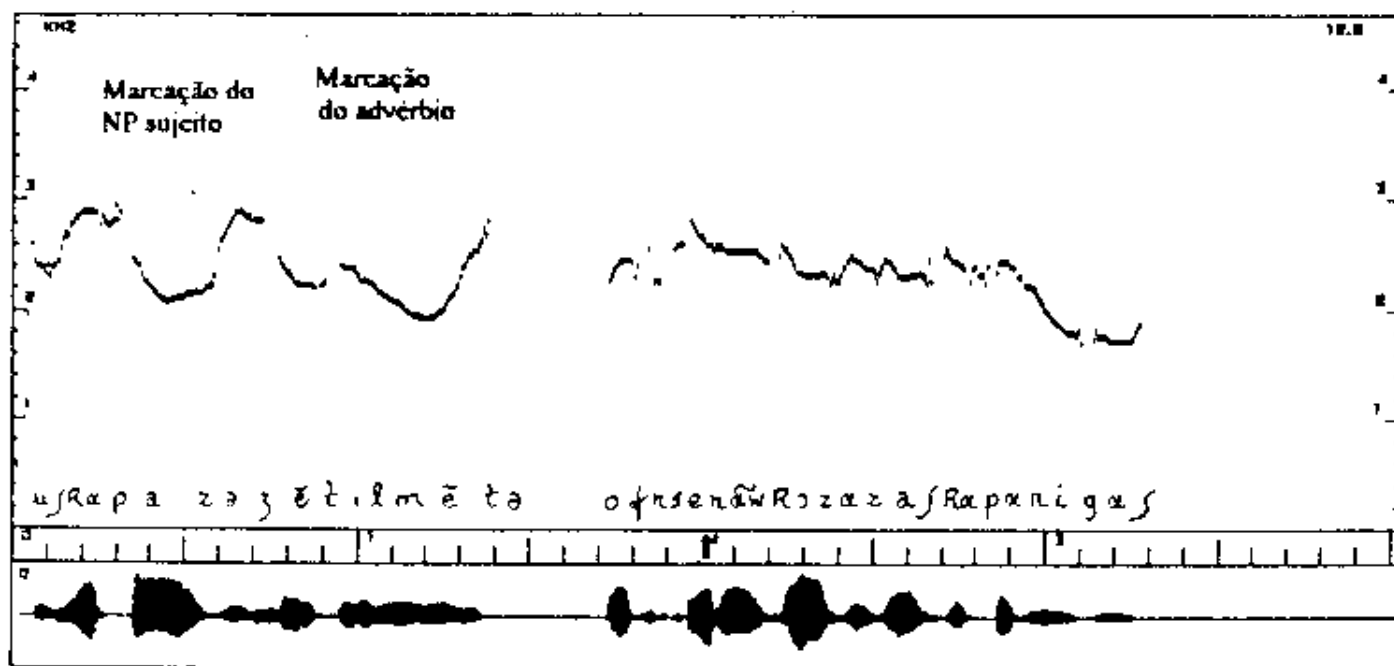


Figura 5. Contorno entoacional da frase Os rapazes gentilmente ofereceram rosas às raparigas.